

4 Referências bibliográficas

4.1 Bibliografia do autor

4.1.1 Romances lidos ao longo do curso:

- ANTUNES, António Lobo. **Os Cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- _____. **A Ordem Natural das Coisas**. Rio de Janeiro: Publicações Dom Quixote, 1992.
- _____. **A Morte de Carlos Gardel**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- _____. **O Manual dos Inquisidores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **O Esplendor de Portugal**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- _____. **Exortação aos Crocodilos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- _____. **Que farei quando tudo arde?** 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

4.1.2 Crônicas citadas na dissertação:

- ANTUNES, António Lobo. “Não foi com certeza assim mas faz de conta”. In: **Segundo Livro de Crônicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.
- _____. “Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes”. In: **Segundo Livro de Crônicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.
- _____. “Receita para me lerem”. In: **Segundo Livro de Crônicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.
- _____. “Para José Cardoso Pires, ao ouvido”. In: **Segundo Livro de Crônicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.
- _____. “Não se desce vivo de uma cruz”. In: **Segundo Livro de Crônicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Isto”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “António 56 ½”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Nem tanto à terra”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Nós dois aqui a ouvir cair a chuva”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Minuete do senhor de meia idade”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Sugestões para o lar”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “A coisa não é bem essa”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Boa-noite a todos”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Boa dia, Eugénio”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Hern Antunes”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Em caso de acidente”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Emília e uma noites”. In: **Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

_____. “Há surpresas assim”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Esta maneira de chorar dentro de uma palavra”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Crónica para ser lida com acompanhamento de kissanje”. In: **Segundo Livro de Crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

4.2 Entrevistas

4.2.1 Entrevistas publicadas em livro:

BLANCO, María Luisa. “Tudo o que me aconteceu foi muito mais do que poderia desejar”. In: **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Porque se escreve? Pergunta a uma macieira porque dá maçãs”. In: **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Viver é como escrever sem corrigir”. In: **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Que me reconheçam como o escritor António Lobo Antunes faz que me sinta como um usurpador”. In: **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Fui um estúpido porque me separei, gostando dela, para viver só e deprimido”. In: **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Hoje, os escritores jovens querem ser lidos na segunda-feira, ser publicados na terça, ter um êxito extraordinário na quarta e na quinta ser traduzidos em todo mundo”. In: **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “Os personagens dos meus livros perseguem-me, é como se vivesse rodeado de fantasmas”. In: **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “O Partido Comunista é uma Igreja, com a sua fé, as suas tradições e a sua hierarquia”. In: **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. “O suicídio é uma presença constante. Estou consciente de que essa dimensão autodestrutiva existe em mim”. In: **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

4.2.2 Entrevistas publicadas em jornais, revistas e televisão:

ANTUNES, António Lobo. “Acho que já podia morrer”. Entrevista a Adelino Gomes. In: **Público** de 9 de novembro de 2004.

_____. “O romance é diferente depois de mim”. Entrevista a Alexandra Lucas Coelho. In: **Público** de 15 de novembro de 2003.

_____. “Conhecimento do autor”. Entrevista concedida a Rodrigo Guedes de Carvalho, no canal **SIC Notícias**, em dezembro de 2003.

_____. “Quem lê é a classe média”. Entrevista a Maria Augusta Silva. In: **Diário de Notícias**, em novembro de 2003.

_____. “Exortação ao Lobo”. Entrevista a Catarina Pires e Isabel Stilwell. In: **Notícias Magazine** (suplemento dominical dos jornais Diário de Notícias e Jornal de Notícias), em fevereiro, 2000.

MATOS, Nelson de. “Os jovens matam e comem os velhos”. Entrevista concedida a José Pedro Castanheira e publicada na revista **Actual** em 27 de novembro de 2004.

4.3 Bibliografia teórica

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos Objetos**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fonte, 1990.

COELHO, Marcelo. “Notícias sobre a crônica”. In: CASTRO, Gustavo de & GALENO, Alex (orgs.) **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COUTINHO, Afranio. “Ensaio e crônica”. In: COUTINHO, Afrânio & COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. v. 6. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986.

ECO, Umberto. **A função dos intelectuais**. Revista *Época* n° 246 de 3 fev. 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

- _____. **O que é um autor?** 4ª ed. Lisboa: Vega, 2002.
- GÂNDARA. **O papel do intelectual na contemporaneidade.** PUC-Rio: Cátedra Padre Antônio Vieira/ Instituto Camões, 2005.
- HUYSSSEN, Andreas. **Memórias do Modernismo.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- _____. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, Universidade Cândido Mendes e Museu de Arte Moderna: 2000.
- JÚDICE, Nuno. “Os mapas do humano em António Lobo Antunes” In: **A escrita e o mundo em António Lobo Antunes.** Acta do Colóquio Internacional da Universidade de Évora. Organização de Eunice Cabral, Carlos J. F. Jorge e Christine Zurbach. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.
- KRISTEVA, Julia. “A produtividade dita texto”. In: **Literatura e Semiologia: Pesquisas Semiológicas.** Petrópolis: Editora Vozes, 1972.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. **Breve História de Portugal.** 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1998.
- MAXWELL, Kenneth. **A construção da democracia em Portugal.** Tradução de Carlos Leone. Revisão de Saul Barata. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- PIGLIA, Ricardo. “A leitura da ficção”. In: **O laboratório do escritor.** Tradução: Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1994.
- REIS, Carlos. **Os domingos cinzentos de António Lobo Antunes.** Texto apresentado em conferência realizada em Lisboa pela Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma História de regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo.** Porto: Edições Afrontamento, 2004.
- SÁ, Jorge de. **A crônica.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 1989.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- SEIXO, Maria Alzira. **Os romances de António Lobo Antunes.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SIMON, Luís Carlos, em conferência no **Simpósio Escrita e Sociedade: o intelectual em questão**, promovido pelo CILBELC - UNESP - Assis, em setembro de 2005.

Anexos

Não foi com certeza assim mas faz de conta

Do que eu mais gostava na Beira Alta era da surdez do meu avô. Usava uma espécie de auscultadores de que saía um fio enfiado que terminava na pilha enorme

no bolso de cima, e dava-me ideia, pela expressão atenta, de estar sempre a comunicar com os anjos ou essas vozes sem corpo que julgava perceber nos pinheiros e ele decerto escutava. A nós, aos terrenos, não nos ouvia nunca: a minha avó gritava-lhe por sinais que estávamos ali, o meu avô olhava para baixo, sorria, principiava um gesto na nossa direcção de que se esquecia logo, chamado pelos pinheiros ou por alguma urgência celeste. De pessoa tinha pouco: não me lembro de o ver rir, de o ver comer: ou permanecia calado na varanda para a serra ou então lia o jornal, que chegava no comboio do meio-dia e era necessário ir buscar à estação. De casaco de linho branco, encostado a um pilar, voltava as páginas num ruído de pombos sem que a sua expressão mudasse uma só vez. Se calhar nem lia: demorava-se nas notícias o tempo necessário para pensarmos que lia, esquecia-se das folhas numa cadeira de lona e descia para a vinha sem pisar os socacos, na leveza distraída dos serafins. A sua presença era uma silenciosa ausência que cheirava a brilhantina: ao fim da tarde, depois do banho

(puxava-se a água do poço com uma bomba e o chuveiro era um balde com buraquinhos)

deixavam-me pôr no cabelo uma gota desse creme branco que me endurecia as madeixas e me embalsamava de um perfume de Paraíso. Contrariamente ao que eu pensava os sons da casa não diminuam de intensidade

(os castanheiros continuavam a estalar nas janelas)

nem os anjos se interessavam por mim. Jantava de pijama, amuado com Deus.

Não me recordo de o meu avô fazer fosse o que fosse a não ser levantar. De tempos a tempos introduzia um cigarro na boquilha e fabricava nuvens com a boca. Talvez a construção de nuvens constituísse o seu trabalho essencial: as criadas chamavam-lhe senhor engenheiro. Para mim os engenheiros erguiam pontes e prédios. O meu avô, mais dado às coisas sem peso e à falta de substância da matéria, preferia o que, de gasoso, obedece aos caprichos do vento. As suas caravelas de fumo, perfeitas, rigorosas, navegavam setembro inteiro para oeste, transportando os patos bravos e o verão consigo. Cansado de tecer o outono o meu avô adormecia na poltrona da sala.

Da mesma maneira que me não recordo de ele fazer fosse o que fosse também não me recordo de cumprimentar ninguém. As visitas iam e vinham, nós íamos e vínhamos, os jornais amarravam-se no caixote do lixo anunciando o dia seguinte

(a partida dos jornais para o caixote do lixo anunciava os amanhãs)

e o meu avô permanecia, silencioso e ausente, ora a dormir na poltrona ora a edificar nuvens na varanda, única coisa imutável num mundo onde até as árvores morriam. O mesmo casaco de linho branco, o mesmo creme branco, o mesmo cabelo branco, o mesmo sorriso branco, distraído e, parece-me hoje, tantos anos depois, um pouco triste, o que se compreende porque no Céu do catecismo a alegria era cavernosa e lúgubre, e o latim

(língua oficial das sacristias)

um esperanto difícil. Passar o tempo inteiro de auscultadores, a receber declinações, deve maçar. Quando fiz doze anos o meu avô morreu e a Beira Alta acabou. Ignoro o que aconteceu ao casaco e à boquilha das nuvens mas encontrei muito mais tarde o aparelho de ouvir, num desses armários de inutilidades onde se amontoa o passado: álbuns, cartas, restos de xícaras, chaves desemparelhadas, selos exóticos, virgens fosforescentes que perderam a auréola, tudo o que permitirá, aos arqueólogos futuros, reconstituírem-nos de acordo com um lixo de cacós, pensando que andámos para trás em relação à época das galeiras. Quando muito o aparelho de ouvir intrigá-los-á como me intriga a mim. Colocarão os auscultadores nas orelhas

(como eu coloco os auscultadores nas orelhas)

a pilha enorme no bolso de cima

(como eu a pilha enorme no bolso de cima)

ligarão as duas coisas com o fio entrançado

(ligo as duas coisas com o fio entrançado)

e darão fé, atónitos

(dou fé, atónito)

do murmúrio antiquíssimo dos pinheiros e do diálogo dos serafins. O resto será o eco da bomba de água a permitir-me o banho, talvez a visão fugitiva de uma criança empastada em brilantina que negocia com a mãe a sopa do jantar, comida a troco de uma dose dupla de pudim. E, com um pouco de sorte, pode ser que um senhor surdo a fabricar nuvens numa varanda para a serra e a ir-se embora com elas e os patos na direcção do outono. Hoje o surdo sou eu. E o feijãozinho que a medicina moderna me colocou no ouvido apenas me traz ruídos ampliados de gatagem em noites de insónia e os guinchos distorcidos do universo. Tenho de voltar o mais depressa possível à Beira Alta e encontrar os anjos. Com um casaco de linho branco e uma boquilha tomar-me-ão pelo meu avô e perguntarão, em latim, se estou bem. Não sei como se responde

— Vamos indo

mas substituo as palavras por um encolher de ombros e um dedo apontado aos destemperos da vesícula. A seguir leio o jornal, acendo um cigarro e tento uma nuvenzinha desastrada: aos cinquenta e sete anos chegou a altura de partir também, a caminho do outono, abandonando no armário das inutilidades uma dúzia de livros, que são as chaves desemparelhadas que possuo. Não se pode abrir nada com elas a não ser portas que deixaram de existir.

Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes

Julgo que herdei do meu avô o gosto de me sentar calado a olhar. Ele fazia-o no jardim. Como não tenho jardim faço-o em casa, nos bancos da rua, nos parques, nos centros comerciais. Durante a Faculdade, mal acabava a aula na morgue, descia à avenida da Liberdade e, nádega para a direita, nádega para a esquerda, conquistava um espacinho de rábua entre dois reformados. Os reformados falam pouco e eu também. Só me faltava a pantufa do pé direito, o cigarro de mortalha e a bengala. Normalmente era o último a ir-me embora. De bata nos joelhos via a cidade iluminar-se. Os pombos emigravam para o relhado do anúncio Sandeman, um homem de chapéu e capa, com um cálice de vinho do Porto. Na minha opinião, adquirida pelos cinco ou seis anos de idade, nunca existiu nada mais bonito. Gostava de Mandrake porque se parecia com ele: «Mandrake fez um gesto mágico e...». Ao erguer o cálice o anúncio Sandeman fazia um gesto mágico e a noite aparecia. Este milagre quotidiano continua a encantar-me. Além disso havia as fronteiras dos cinemas e as lâmpadas a correrem à volta dos nomes dos actores: Esther Williams, Joan Fontaine, Lana Turner. Concebi por Lana Turner uma paixão absoluta, exclusiva. Em momentos de desânimo quase penso que me não retribuiu. Mas o desânimo, claro, é passageiro, e o cabelo platinado, as sobancelhas evasi-

vas desenhadas a lápis, em semicírculos perfeitos, os vertiginosos decotes de cetim, o baton escarlate, tudo me garante um amor eterno, eternamente partilhado. A filha matou o gangster Johnny Stompanato, seu suposto amigo

(nunca o amante, o amante era eu)

e ainda hoje lhe estrou grato por isso. Usou a faca da cozinha onde Lana Turner, aposto, fazia salsichas com couve lombarda, o meu almoço favorito, a pensar em mim. Também não me agradava que beijasse os outros nos filmes. Mas talvez fosse melhor dessa maneira porque, se chegasse a casa com baton e me desculpassem à minha mãe

— Foi a Lana Turner, anda perdida aqui pelo rapaz receio que ela não levasse em gosto a hipótese qual hipótese, a certeza

de o filho de onze anos casar com uma divorciada, por que isso afastava a cerimónia da igreja e nós éramos católicos.

O argumento

— Uma divorciada, filho abalava-me. Tentei discutir o assunto com Lana Turner, ela no écran e eu no segundo balcão

— A minha mãe vai pôr problemas por a senhora ser divorciada

um espectador, três filas adiante, mandou-me cular, mas percebi que enquanto I-ff Chandler a abraçava Lana Turner disse que não com a cabeça antes de cerrar as pestanas com-pridíssimas

(não com leite, por ofício apenas, quem era Jeff Chandler, de cabelos brancos, ao pé de mim, em calções?)

a assegurar-me que ela mesma falaria lá em casa da inevitabilidade do nosso matrimónio enquanto Nat King Cole, cantando, em fundo, Imitação da Vida, dissolvia as últimas resistências de uma educadora preocupada sem motivo. Aliás tentei uma conversa exploratória: aproximei-me com desenvoltura do tricot, toquei-lhe no braço, a minha mãe deixou de contar as malhas

— O que foi?

anunciei num tomzinho casual

— Acho que a Lana Turner e eu estamos noivos a minha mãe voltou a contar as malhas, setenta e seis, setenta e sete, setenta e oito

— Ai sim?

prova de que aceitava o facto sem discutir, virei para o meu quarto, anunciei à minha noiva, de casaco de peles num cartaz da parede

— Já está

e oficializei o compromisso com o anel de alumínio que me saiu na prenda do bolo-rei. Devo acrescentar que foi uma união feliz, sem manchas, até encontrar Anne Baxter, aos doze anos, n'Os Dez Mandamentos, mulher de Yul Brynner, o Faraó, e apaixonada por Moisés-Charlton Heston. Afastei Yul Brynner e Charlton Heston com um piparote e esqueci Lana Turner. Não terá sido bonito porém a alma humana é impiedosa. Temi a reacção da minha mãe, que morava há séculos com o meu pai e presumi conservadora. Expliquei-lhe o assunto a medo, tocando no braço do tricot. Felizmente ela, criatura evoluida, limitou-se a perguntar

— Ai sim?

a acrescentar

— Se não páras com essa vida de play-boy engano-me no pullover

e a distrair-se de mim. Virei para o quarto, participei a Anne Baxter, pregada com quatro tachas à parede, no ex-lugar de Lana Turner

— Já está

Yul Brynner e Charlton Heston, bons perdedores, aceitaram resignadamente o facto, reparei inclusive que Yul Brynner a beijava com menos intensidade no filme

a vida é assim, não vale a pena contrariar os sentimentos com Charlton Heston não me preocupei por aí além dado falecer diante da Terra Prometida, e Anne Baxter e eu só nos separámos em Eva, quando compreendi a horrível maldade

do seu carácter, ao fazer sofrer Betty Davis que se parecia com a minha avó. Em desespero de causa tentei voltar para Lana Turner que desaparecera dos cinemas com o desgosto que lhe dei. Se a encontrarem digam que estou arrependidíssimo e que peço desculpa. Digam também que telefone para casa dos meus pais: deve estar por lá um miúdo de anel de bolo-rei no dedo que recebe a chamada.

Receita para me lerem

Sempre que alguém afirma ter lido um livro meu fico decepcionado com o erro. É que os meus livros não são para ser lidos no sentido em que usualmente se chama ler: a única forma parece-me

de abordar os romances que escrevo é apanhá-los do mesmo modo que se apanha uma doença. Dizia-se de Bjorn Borg, comparando-o com outros tenistas, que estes jogavam ténis enquanto Borg jogava outra coisa. Aquilo a que por comodidade chamei romances, como poderia ter chamado poemas, visões, o que se quiser, apenas se entenderão se os tomarem por outra coisa. A pessoa tem de renunciar à sua própria chave

aquela que todos temos para abrir a vida, a nossa e a alheia e utilizar a chave que o texto lhe oferece. De outra maneira torna-se incompreensível, dado que as palavras são apenas signos de sentimentos íntimos, e as personagens, situações e intriga os pretextos de superfície que utilizo para conduzir ao fundo avesso da alma. A verdadeira aventura que proponho é aquela que o narrador e o leitor fazem em conjunto ao negrume do inconsciente, à raiz da natureza humana. Quem não entender isto aperceber-se-á apenas dos aspectos mais parcelares e menos importantes dos livros: o país, a relação homem-mulher, o problema da identidade e da procura dela, África e a brutalidade da exploração colonial,

etc., temas se calhar muito importantes do ponto de vista político, ou social, ou antropológico, mas que nada têm a ver com o meu trabalho. O mais que, em geral, recebemos da vida, é um conhecimento dela que chega demasiado tarde. Por isso não existem nas minhas obras sentidos exclusivos nem conclusões definitivas: são, somente, símbolos materiais de ilusões fantásticas, a racionalidade truncada que é a nossa. É preciso que se abandone o seu aparente desleixo, às suspensões, às longas elipses, ao assombro vai-vem de ondas que, a pouco e pouco, os levarão ao encontro da treva fatal, indispensável ao renascimento e à renovação do espírito. É necessário que a confiança nos valores comuns se dissolva página a página, que a nossa enganosa coesão interior vá perdendo gradualmente o sentido que não possui e todavia lhe dávamos, para que outra ordem nasça desse choque, pode ser que amargo mas inevitável. Gostaria que os meus romances não estivessem nas livrarias ao lado dos outros, mas afastados e numa caixa hermética, para não contagiarem as narrativas alheias ou os leitores desprevenidos: é que sai caro buscar uma mentira e encontrar uma verdade. Caminhem pelas minhas páginas como num sonho porque é nesse sonho, nas suas claridades e nas suas sombras, que se irão achando os significados do romance, numa intensidade que corresponderá aos vossos instintos de claridade e às sombras da vossa pré-história. E, uma vez acabada a viagem e fechado o livro

convalença. Exijo que o leitor tenha uma voz entre as vozes do romance

ou poema, ou visão, ou outro nome que lhes apeteça dar a fim de poder ter assento no meio dos demónios e dos anjos da terra. Outra abordagem do que escrevo é limitada-se a ser

uma leitura, não uma iniciação ao ermo onde o visitante terá a sua carne consumida na solidão e na alegria. Isto não se torna complicado se tomarem a obra como a tal doença que acima referi: verão que regressam de vocês mesmos carregados de despojos. Alguns

quase todos os mal-entendidos em relação ao que faço, derivam do facto de abordarem o que escrevo como nos ensinaram a abordar qualquer narrativa. E a surpresa vem de não existir narrativa no sentido comum do termo, mas apenas largos círculos concêntricos que se estreitam e aparentemente nos sufocam. E sufocam-nos aparentemente para melhor respirarmos. Abandonem as vossas roupadas de criaturas civilizadas, cheias de restrições, e permitam-se escutar a voz do corpo. Repararem como as figuras que povoam o que digo não são descritas e quase não possuem relevo: é que se trata de vocês mesmos. Disse em tempos que o livro ideal seria aquele em que todas as páginas fossem espelhos: reflectem-me a mim e ao leitor, até nenhum de nós saber qual dos dois somos. Tento que cada um seja ambos e regressemos desses espelhos como quem regressa da caverna do que era. É a única salvação que conheço e, ainda que conhecesse outras, a única que me interessa. Era altura de ser claro acerca do que penso sobre a arte de escrever um romance, eu que em geral respondo às perguntas dos jornalistas com uma ligeireza divertida, por se me afigurarem supérfluas: assim que conhecemos as respostas, todas as questões se tornam inimportantes. E, por favor, abandonem a facilidade de julgar: logo que se compreende, o julgamento termina, e quedamo-nos, assombrados, diante da luminosa facilidade de tudo. Porque os meus romances são muito mais simples do que parecem: a experiência da antropofagia através da fome continuada, e a luta contra as aventuras sem cálculo mas com sentido prático que os romances em geral são. O problema é faltar-lhes o essencial: a intensa dignidade de uma criatura inteira. Faulkner, de quem já não gosto o que gostava, dizia ter descoberto que escrever é uma muito bela coisa: faz os homens caminharem sobre as patas traseiras e projectarem uma enorme sombra. Peço-lhes que dêem por ela, compreendam que vos pertence e, além de compreenderem que vos pertence, é o que pode, no melhor dos casos, dar nexos à vossa vida.

Para José Cardoso Pires, ao ouvido

Às vezes fazias-me lembrar um delinquente juvenil fugido da casa de correcção pela porta das traseiras, noutras alturas um rato perdido no gruyère sem encontrar os buracos, quase sempre um miúdo escondendo a aflição sob a ironia em bares de acaso, onde bebias uísque numa ilusão de limonada e conversavas de literatura na seriedade imensa com que se discutem as peripécias vitais de um jogo de berlinde. Um americano garantia ter pena das pessoas que não bebem porque acordam de manhã da maneira como vão sentir-se durante o resto do dia no teu caso as madrugadas sempre foram penosas, carregadas de fantasmas e dúvidas, onde as contradições apareciam mais vivas ao descobrirmos em ti um preguiçoso implacavelmente disciplinado, um solitário que sangrava de devoção e amizade, um sarcástico capaz da mais intensa e envergonhada ternura, um escritor que encolhia os ombros em face dos próprios livros e para quem a dignidade da obra de arte constituía o primeiro critério de avaliação de um romance. Salvo erro foi André Gide quem disse apenas gostar das obras em que o autor quase morreu ao escrevê-las: a ser verdade, esse velho sátiro chinês, coberto de chapéus inverosímeis, teria apreciado o teu trabalho pelo que na realidade foi: uma luta indecisa e dolorosa, uma orfanidade que a família das palavras não consola, as cartas da vermelhinha onde

a vitória se nos escapa, oculta no parágrafo que não escolhemos e torna necessário empurrar a golpes de caneta, enxotando-o como um bicho teimoso para o redil da página, porque o segredo não consiste em escrever, consiste em corrigir e corrigir e despir os fatos de que vestimos as estátuas das primeiras versões, pavos-rosas gravatas de adjetivos, bonés de metáforas medonhas, o mau gosto das alpacas dos gestores que só não querem ser Deus porque ganhariam menos. Muitas vezes te acusei de preguiçoso quando eras apenas um homem de escrupulos que a honestidade torturava, odiando o que Gautier chamava «a crítica extasiada», obrigado, por um rigor absoluto, a aproximares-te cada vez mais desse núcleo imparitilhável da vida, cheio de sombras e recessos, que as tuas personagens nos traziam como que por acaso, no desleixo vigiado sem o qual a elegância não existe.

Mas não me apetece, ao pensar em ti, falar de literatura, eu que não aceito em Portugal qualquer espécie de honrarias por não dar ao meu país o direito de me julgar. Nem sequer são os romances, os contos, o teatro, que me vêm à cabeça quando, tão frequentemente, me visitas. O que surge à minha frente, Ze, somos nós dois separados por uma mesa de restaurante, tu a vinho e eu a água ou a cerveja sem álcool

(tenho pena das pessoas que não bebem porque acordam de manhã da maneira como vão sentir-se durante o resto do dia) ou na tua casa, ou na minha, ou na rua, ou nas muitas viagens que fizemos juntos ao estrangeiro. À Galiza, por exemplo, a última, em que durante oito horas de temporal, no automóvel do Nelson, cantámos em coro, o tempo inteiro, fados de ceguinhos e boleros de cabarés defuntos onde as prostitutas tri-coravam, baloiçando os duplos queixos, ao ritmo da música, à espera de clientes improváveis. Julgo que nunca te vi tão feliz, tão alegre, tão tocante como nessa semana. Choveu o tempo todo, esteve frio o tempo todo, ventou o tempo todo mas tínhamos o mar logo a seguir às janelas do hotel, e uma leveza de anjos, ou do que nos restava de adolescência, teimava em habitar-nos. Atra-vessámos entrevistas, jantares e prémios num júbilo inocente, ao

ritmo de tangos e pasodobles de baile de Bombeiros Voluntários que mais ninguém ouvia. Caminhávamos de braço dado, imper-turbáveis, nas cerimónias oficiais, atordoando leitores confundidos que esperavam de nós a seriedade amargurada do génio. Ao fim da noite juntávamo-nos no meu quarto a recapitular o dia e separávamo-nos a valsar para sonhos de criança sem angústias de prosa. Se não fosse desagradável para o teu pudor confessava-te que tenho o teu retrato ali, naquela mesa. Ao princípio custava-me olhar. Fazes-me muita falta, muito mais do que imaginei que farias. Depois, a pouco e pouco, ao verificar melhor o sorriso, o olhinho divertido atrás dos óculos, a boca de quem acabou de pregar uma partida ao mundo e se escondeu num canto a troçar dele, apareceu-me na ideia aquela tarde na Alemanha, em que me tiraste, sem uma palavra, as malas das mãos, e as carregaste tu, sozinho, adiante de mim, ao compreenderes o meu cansaço sem que te falasse dele. A partir daí já não me custa olhar-te: se as malas tornarem a pesar sei que vais pegar nelas. E, por isso, quando me cruzo com a moldura

(todos os dias me cruzo com a moldura)

ajeito o colarinho, puxo os punhos da camisa para fora das mangas, aliso o cabelo, endireito-me, enfino o peito ajeitas o colarinho, puxas os punhos da camisa para fora das mangas, alisas o cabelo, endireitas-te, enfunas o peito e avançamos os dois, corredor fora, em ondulações de bolero, numa cave de lâmpadas vermelhas com um ceguinho ao piano e outro ao contrabaixo, na direcção das senhoras do tricot, invejados por um público de clientes invisíveis.

Não se desce vivo de uma cruz

Dois dias antes, assim que ficámos sozinhos, disse:

– Quero morrer com dignidade.

Estava muito cansado e muito magro, e apesar de muito magro continuava a perder peso. Ao lado da poltrona em que se sentava

se aquilo era sentar-se

uma pilha de lenços para os quais tossia sem parar. Adormecia por vezes, acordava, olhava para mim e encolhia os ombros num sorriso. A nossa amizade sempre foi mais feita de silêncios que de palavras. Vivi com ele algumas das coisas mais íntimas e secretas da sua vida, da minha vida, em África e em Portugal, e isso fez crescer um entendimento que com mais ninguém tive. Há muitos anos a Catarina, a sua filha mais velha, então pequena, espantava-se para nós, há horas sem abrimos a boca:

– Vocês nunca falam um com o outro.

Não tinha idade para entender que era esse, precisamente, um dos nossos modos de falar, e que dizíamos tanto por baixo do pudor, do cuidado extremo e da atenta delicadeza com que o Ernesto viveu sempre a camaradagem. Há poucos meses, quando fui operado a uma coisa qualquer na língua, a voz dele ao telefone

(tão doente já)

aflito comigo, a lembrar-me o comandante de Saint-Exupéry que afirmava ser preciso gostar das pessoas sem o mostrar: quem o conhecesse mal não entendia; quem o conhecia bem troçava a cada passo na sua ternura vigilante, no seu afecto inalterável. Possuíamos os mesmos interesses e as mesmas paixões e o único pecado que jamais lhe perdoei foi ter dado um sino com um cordel à Joana em bebé. A Joana chorava como uma danada, eu puxava o cordel do sino, uma musiquinha principiava a tocar, a Joana calava-se, eu voltava para a cama e no exacto instante em que adormecia a musiquinha acabava, a Joana recomeçava de imediato os seus gritos e eu tornava, cambaleando, a puxar o cordel. Ainda hoje penso se não fez de propósito, calculando o comprimento exacto que a gaita devia ter para me deixar deitar-me e aumentar o tormento. Isto aconteceu um ou dois meses antes do 25 de Abril de que me ia falando numa exaltação corajosa e inquieta, caminhando para cá e para lá, de cigarro na mão, na minha salita minúscula, atulhada de livros. Já alferes passou-me pela cabeça desertar, fugir. Respondeu-me que a guerra era um erro formidável

(nunca esqueci estas palavras suas)

e que a revolução se fazia por dentro. Como quase sempre que discordávamos tinha razão. E fui com ele. Isto em 1970 e desde aí

(salvo o tal episódio do sino)

passámos vinte e nove anos de amizade sem uma única nuvem. A minha vida não foi, certamente, feliz, mas deu-me, sem que o merecesse, alguns encontros miraculosos: com José Cardoso Pires, com Daniel Sampaio, com Nelson de Matos, com Marianne Eyré. E com Ernesto Melo Antunes de quem agora escrevo, o malvado do cordel, de quem só agora sou capaz de escrever. Na sua morte, quem o soube mostrar melhor aos portugueses não foram os políticos nem os intelectuais: foram os militares, Ramalho Eanes e Pezarat Correia, por exemplo, retrataram-no admiravelmente. No dia do enterro encontrei

Maria de Lurdes Pintasilgo. Sorria-me e, ao beijá-la, senti-lhe a cara molhada de lágrimas. Como não tenho a grandeza dela calo-me muito depressa antes que vocês sintam as minhas. É que julgava tê-las deixado quase todas nos abraços dos seus amigos.

Isto

Julgo que me tornei escritor porque em criança o meu pai me curava as gripes com sonetos em lugar de aspirinas: pela parte da boca que o cachimbo não ocupava saíam ao mesmo tempo fumaças e tercetos cujo efeito medicinal, somado às papas de linhaça da minha mãe, me mergulhavam a pouco e pouco numa espécie de coma rimado, do qual me não libertei totalmente visto que respondo aos polícias das multas em alexandrinos contados pelos dedos no capot do carro. Suponho que habita nos autuantes um crítico literário visto que se apressam a escrever os seus artigos de língua de fora, suando do boné na caligrafia de instrução primária difícil que caracteriza os académicos. Normalmente estes julgadores severos deslocam-se aos pares como os gansos selvagens, os cónegos e os irmãos siameses: existe o impiedoso que castiga, com voz de quem foi alimentado na infância a biberões de vinho tinto e o colega relações-públicas, de ressaca menos azeda, encarregado de explicar, numa amabilidade de mau agoiro erigida de diminutivos de lojista, que a multazinha deve ser paga com selos-zinhos fiscais na esquadra de Santa Marta, um andar decrepito cheirando não sei porquê a almôndegas com puré de batata, onde dúzias e dúzias de polícias, sentados em carteiras escolares, tocam máquinas de escrever com um único dedo hesitante, recessos das palmatoadas do mestre-escola invisível. Como têm a cabeça des-

coberta parecem-me nus. Como o alfabeto lhes é difícil e o desamparo me comove ajudos na gramática visto que, entre o sujeito que são e o complemento directo que não sabem o que é, não possuem predicado que os salve. Pertencem à massa de que se fazem os secretários de Estado, passo seguinte na vagarosa evolução da espécie que conduz estas larvas disléxicas a insectos perfeitamente mas a atávica ausência de predicados permanece intacta. As minhas crises de dúvida em relação a Deus articulam-se quase sempre com o facto de ter criado o homem à sua imagem e semelhança: a ideia de ser recebido à entrada do céu por um guarda-republicano, um intelectual ou um ministro em versão ampliada obriga-me a transformar a religião atribuindo ao Grande Arquitecto as soluções de recurso e o sentido de humor que as minhas tias, amantes da seriedade e da ordem

(a falta de namorado conduz a soluções deste género) cuidam apanágio do Diabo. Julgo que para elas não havia grande diferença entre Salazar e o Senhor: ambos eram conservadores, austeros, inimigos da alegria e invisíveis, e o facto de terem nascido pobres, em Santa Comba Dão ou em palhas de presépio, permitia à minha família olhá-los um pouco de cima para baixo, como para as criadas que casaram lá de casa e subiram a pulso do bilhete da Carris ao Mercedes a gasóleo, o que permitia que as soubéssemos na sala consentindo-lhes generosamente uma apatência de igualdade. Nem Salazar nem Deus passavam, no fundo, de provincianos que as circunstâncias, mais do que o mérito, tornaram ilustres, e a quem se concedia funções de governanta disciplinadora dos atrozos impulsos, de má-criação ou de abuso da comports dos jardineiros e dos filhos. Salazar e Deus, unidos para as servirem com a inabalável fidelidade das antigas empregadas, permitiam-lhes libertar-se de quando em quando de actividades fiscalizadoras demasiado cansativas, que a Pide ou os sermões do prior, capatazes à altura, se encarregavam de resolver num júbilo zeloso. E agora desculpem: não posso acabar esta crónica nem corrigi-la porque a minha fina joana acaba de chamar-me a dizer que a mãe morreu.

Antônio 56 1/2

Aquilo a que costumamos chamar circunstâncias e não passa, muito simplesmente, do que consentimos que a vida e as pessoas nos façam, obrigaram-no cada vez mais a reflectir sobre si mesmo. Aos vinte anos julgava que o tempo lhe resolvía os problemas: aos cinquenta dava-se conta de que o tempo se tornara o problema. Jogara tudo no acto de escrever, servindo-se de cada romance para corrigir o anterior em busca do livro que não corrigiria nunca, com tanta intensidade que não lograva recordar-se dos acontecimentos que haviam tido lugar enquanto os produzia. Esta intensidade e este trabalho faziam que não sofresse outra influência que não fosse a sua nem erigisse como modelo nada fora de si, embora o tornassem mais sozinho do que um casaco esquecido num quarto de hotel vazio, enquanto o vento e a desilusão fazem estalar, à noite, a persiana que ninguém fechou. Não conhecendo a tristeza sabia o que era o desespero: o próprio rosto no espelho para a barba da manhã, ou antes não um rosto, pedaços de rosto reflectidos numa superfície inquieta, incapazes de construir o presente, devolvendo-lhe fragmentos soltos de passado que se não ajustavam (tardes no jardim, bibes, triciclos) e transmitindo mais um sentimento de estranheza que uma lembrança comovida, o qual ajudava para ajudar a sonhar

os que não tinham coragem de sonhar sem ajuda. A ética de consumo dos outros contrapunha uma ética de produção, não por qualquer espécie de virtude

(não possuía virtudes)

mas por incompetência de utilizar os mecanismos práticos da felicidade. O desprezo pelo dinheiro derivava de uma malformação sem parentesco algum com o amor da pobreza. Considerava a conta no banco como os livros desinteressantes empilhados no fundo da casa: qualquer dia, num impulso de higiene, venderia as notas a peso.

O apreço dos jovens escritores e dos aspirantes a escritores que lhe enviavam manuscritos e cartas confundia-o: como entender que houvesse mulheres e homens dispostos a existirem, quotidianamente, na aflição e na angústia? Nunca decidira fazer livros: qualquer coisa ou alguém impunha-lhe que os fizesse e dava graças a Deus que aqueles de quem gostava fossem criaturas livres e o considerassem com essa espécie de indulgência que se sente em relação a quem perdeu um braço ou uma perna ao serviço de uma causa insensata. Os amigos tinham tendência a guiá-lo com a mão amável com que se conduz um cego, avisando-o dos desníveis da rua, certos que uma inocência desamparada o habitava deixando-o, indefeso, à mercê de quase tudo e principalmente de si próprio. Se pudessem tiravam-lhe os atacadores e o cinto como se faz aos presos a fim de o impedir de escapar-se sabe-se lá para onde ou de morrer por descuido, dado que não distinguia o açúcar da areia nem os diamantes do vidro, ocupado como andava a gravar as palavras tão profundamente que se pudessem ler, como Braille, sem o auxílio dos olhos. Que o dedo corresse pelas linhas e sentisse o fogo e o sangue. Para que sentissem o fogo e o sangue tomava-se necessário que ele ardesse e sangrasse. Saberiam os aspirantes a escritores o que se paga por uma única página? A diferença entre o puro e o impuro? Quando se deve trabalhar e quando se deve parar de trabalhar? Que o sucesso nada vale, primeiro porque já estamos noutro lado e segundo porque as qualidades são, quase sempre,

defeitos disfarçados e é desonesto satisfazermo-nos com que nos louvem pelos nossos defeitos habilmente escondidos? Saberiam os aspirantes a escritores que não alcançar o que queremos é, no melhor dos casos, o nosso amargo triunfo? Que o romance acabado nos deixou demasiado exaustos para nos trazer alegria e que o pavor de não conseguir o próximo livro começa, logo de imediato, a perturbar-nos?

Tãdes no jardim, bibes, tricícos. Agora que o tempo resolveu os problemas e se tornou
ele, o tempo

o problema, reparou que as filhas se transformaram em mulheres e era noite. Mas, com um pouco de sorte, talvez deixasse atrás de si não um rastro, não a sua sombra, não uma memória: somente aquilo que, de mais profundo, era si escondida: o que tinha a mais que os restantes. E então, quando chegasse a hora, poderia deitar-se em paz, fechar os olhos, dormir: finalmente tornara-se apenas igual a vocês.

Nem tanto à terra

Guez de Balzac contra a história do norueguês que nunca vira uma roseira e ao mostrarem-lha se surpreendeu por um arbusto dar fogo. Ao longo dos anos da minha vida, que às vezes me parecem tantos e outras tão poucos por me encontrarem ora cansado ora desprevenido de tal forma que ao pensar neles, de repente, não sei ao certo quantos são

(surpreendo-me a contar pelos dedos como um mau aluno que esqueceu a tabuada)

tenho-me sentido, na maior parte das ocasiões, um norueguês que nunca viu fosse o que fosse. Os acontecimentos podem repetir-se: recebo-os com idêntico pasmo, o que por inocência ou estupidez me torna o público ideal, entusiasta e ingénuo, da espécie que nem se queixa do desconforto da cadeira, cujo grau de mal-estar serve de termómetro para medir a qualidade do espectáculo: a boa peça é a que não faz doer o rabo. Um tio nosso leu o mesmo romance durante meses, argumentando que uma das vantagens da velhice consistia em chegar ao fim do livro sem se lembrar do princípio e recomeçar sem ideia de como acaba, de modo que existia uma biblioteca inteira naquelas trezentas páginas eternamente renovadas. Presumo que lhe herdei a capacidade de surpresa: a mudar de camisa visto uma camisa nova, ao tropeçar na mão estendida de um conhecido apresento-me,

entro todas as tardes em casa num espirito cerimonioso de visita, sentando-me na ponta das cadeiras por timidez em relação a mim mesmo e não procuro nada nos meus próprios bolsos dado que me ensinaram, de pequeno, que não se deve mexer nos objectos alheios. Impedido, por conseguinte, de pagar seja o que for (o dinheiro que trago comigo é de outro)

as pessoas tomam por avareza o que não passa de horror ao furto e concordância com o preceito que a vida custa muito a ganhar. Deve custar-lhes a elas e ao que chamam António Lobo Antunes e me empresta o nome, a cara e a roupa numa indulgência que não entendo. Confundem-nos diariamente como se nos parecéssemos, os seus colegas de liceu cumprimentam-me, a sua família convida-me para jantar, solicitam-me autógrafos para os livros que escrevi: com a força do hábito já lhe imito razoavelmente a letra e, de tempos a tempos, atrevo-me a colaborar num capítulo, escrito devagarinho a pensar no que o tal António Lobo Antunes acharia, procurando reproduzir o que me dizem que sente. É a primeira ocasião que escrevo para uma revista, por me pedirem esta crónica a mim julgando que lhe pediam a ele. A fim de não embaraçar ninguém

nem os senhores da revista nem o referido António Lobo Antunes que apenas vejo, de fugida, no espelho da barba matinal, e se cuida livre deste artigo

decidi fazê-lo. Comecei pelo norueguês das rosas e vim por aí adiante, um pouco ao acaso, na esperança de que o acceitem sem darem fé da impostura. Com um pouco de sorte ninguém se aperceberá: os senhores da revista podem, quando muito, lamentar que o António Lobo Antunes perdesse talento e qualidades, os leitores esperarem que ele as recupere numa próxima colaboração, os amigos perguntarem se não lhe faria bem uma semana ou duas sem prosas no intuito de descansar a esferográfica. Como são delicados não lho dirão e como o António

(ocasionalmente permito-me a familiaridade de o tratar pelo primeiro nome)

58

não lê, por higiene, o que escreve, não corto o perigo de se zangar comigo. Ele não lê mas eu lerêi. E confesso que estou decidido a tirar-lhe umas moedas da algibeira (apesar da culpabilidade, apesar do recio de que as haja contado)

comprar a revista e encontrar em letra impressa estes gatafunhos que me custaram uma hora de aflições gramaticais. Espero que todos os complementos directos estejam certos, que o sujeito e o predicado se articulem com relativa correcção, que exista uma concordância nos verbos e, por fim, que os senhores da revista o despeçam e me contratem a mim, de temperamento mais dócil e sorriso mais pronto. Reflectindo bem, se os casacos dele me servem pode acontecer que as minhas prosas sirvam aos seus leitores. E será o António

(lá estou eu a guinar para a intimidade)
a ver-me, de fugida, no espelho da barba matinal, envergonhado de mim, em pijama, desculpando-se a desaparecer, porta fora, de me ocupar a casa.

59

Nós dois aqui a ouvir cair a chuva

Novembro é um mês difícil: foi o mês em que morreu a tua mãe e perdemos o cão. A tua mãe a gente esperava mais ou menos, com a idade dela e os diabetes. O médico aconselhou

— Tomem cuidado com o frio aumentámo-lhe os cobertores da cama, arranjaste um xaile grosso, comprámos um calorífero a petróleo que empurrámos para o lado da poltrona

— Agora veja lá reforçámos as canjas mas claro, oitenta e três anos são oitenta e três anos, a tua mãe via mal, tropeçou no calorífero, partiu o osso da perna, nas urgências foram avisando logo

— Isto do osso da perna vai ser um problema ainda voltou para casa, cobertores, xailles, e resta-nos a consolação de ter falecido quentinha. Pode parecer estranho mas sem ela a sala aumentou.

Na semana seguinte o cão. Não estava velho nem diabético. Eu levava-o a fazer chichi às segundas, quartas e sextas, tu ocupavas-te da bexiga do animalzinho às terças, quintas e sábados, aos domingos íamos juntos, de braço dado, para uma olhadela às montras do bairro, tu com a trela, eu a assobiar-lhe

— Benfica

distraímo-nos no estabelecimento de candeeiros a tentar ver o preço de um lustre

– Não é o da direita, é o da esquerda, Henrique numa etiqueta que baloiçava no meio dos pingentes, esquecemos o Benfica por um segundo, a farejar os pneus de um carro parado

adorava farejar pneus e a paixão pelos pneus foi a perdição dele: apesar das insinuações que lhe dávamos sempre antes de descer as escadas – Cuidadinho Benfica

quis farejar as rodas de um automóvel por acaso em movimento, ouvimos um estrondozito mole e acabou-se. A tua mãe e o cão, defuntos, possuíam como que um ar de família, chamei-te a atenção ao debruçarmo-nos para o bicho na rua

– Não dá ares da tua mãe, Irene? concordaste comigo a assoar desgostos, o dono do automóvel para a gente

– Eu não tive culpa, eu não tive culpa tu a apontares-lhe o cão

– Dá ares da minha mãe, sabia? o do automóvel de boca aberta, e a camioneta do lixo levou-o nessa madrugada. A sala aumentou ainda mais, e como não temos ninguém para passear no bairro deixámos de olhar as montras.

Portanto estamos sozinhos. Há a fotografia da tua mãe na cómoda e a trela do cão na gaveta, de vez em quando observamos a fotografia ou abrimos a gaveta para tocar na trela e todavia estamos sozinhos. Ficamos sentados nos lugares do costume, fazes crochet na cadeira de baloiço, finjo que leio o jornal no sofá, um silêncio muito grande entre nós e, com um bocadinho de sorte, a chuva lá fora. Ao ouvirmos cair a chuva sobes os olhos do crochet

– Dás pela chuva, Henrique? subo os olhos do jornal a acenar que sim, e ficamos a contemplar a janela onde as gotinhas escorregam, aclaradas de viés

pelas lâmpadas do passeio. Pelo menos falámos. Pelo menos disseste

– Dás pela chuva, Henrique?

pelo menos acenei que sim do jornal, pelo menos, por um momento, estivemos acompanhados. Somos pessoas discretas, incapazes de exageros, de conversas, de emoções inúteis. Julgo que foi isso que nos uniu, a timidez e a ausência de lágrimas. Ainda bem. Acho que ainda bem para nós. Casámos há trinta e sete anos e nunca discutimos. Para quê? E depois existem momentos assim, a seguir ao jantar, em que principia a chorar e nós aqui dentro, em paz, quase felizes. E escrevo quase felizes porque para escrever felizes seria preciso que a chuva fosse tão forte que arrancasse o prédio do lugar e o arrastasse consigo na direcção do Tejo o que, é evidente, não acontecerá nunca. Talvez seja melhor: o verão, graças a Deus, passa num ai, e daqui a nada novembro de regresso. Perderemos de novo a tua mãe, de novo perderemos o cão. Não tem importância. Como tu me explicaste umas coisas valem por outras e temos o consolo da chuva. Perguntar-me-ás

– Dás pela chuva, Henrique? acenarei que sim, e durante um momento somos dois, e durante um momento, palavra, podia escrever em nome de ambos, eliminando o quase, que nos sentimos felizes.

Minuete do senhor de meia-idade

A vida é uma pilha de pratos a caírem no chão. Vai a gente muito devagar da sala à cozinha, com aquela loiça toda de dias, de semanas, de meses em equilíbrio uns sobre os outros, a tilintarem e a tremarem, mais dúzias de garfos e facas escorregando lá em cima, no meio dos restos de comida e dos restos de infância, de espinhas de peixe de pequenas mentiras e de folhas de alface de domingos felizes, e nisto, sabe-se lá porque, os anos entortam-se, uma saudade escorrega, a minha mãe, muito nova, escapa-se-me das mãos, e atrás da minha mãe os anos da tropa, o liceu, a esposa do farmacêutico a chamar-me do primeiro andar e eu com medo, vai a gente com aquela loiça toda, cada vez mais precária, mais vacilante, mais oblíqua a morte da minha avó por exemplo, o dentista que se enganou no molar e a meio do corredor ou então já na cozinha, já com a bancada à vista, já pensamos nós a salvo, os dias, as semanas, os meses deslizam uns a seguir aos outros, devagar primeiro, depressa depois, tudo junto por fim, e eis a vida em cacós no linóleo, um único pires completo e o resto bocadinhos, o único pires completo é alguém que não distingo a dizer-me adeus de uma varanda ou assim, um para-

peito com sardinheiras, julgo que o mar ao longe, o único pires completo sou eu de bicicleta a voltar para casa mas não me lembro da casa

eu que me não reconheço naquela casa, naqueles olhos, naqueles gestos desinteressados de mim mudei tanto

o único pires completo é ter cinquenta anos e tanta coisa quebrada à volta, trazer a pá e a vassoura, deitar a vida no balde, limpar com a esfregona, alguém atrás de mim

– E agora?

que olha sem me ajudar, uma colher de sobremesa debaixo do fogão que se apanha de garas a sujar os joelhos das calças em nódoas de molho, a palma que se magoa num ossinho de frango, a gravata a oscilar do pescoço ou uma trela?

uma mecha de cabelo a impedir-me de ver, o único pires completo és tu

– E agora?

aposto que de mãos na cintura à entrada da porta a abanares a cabeça para a minha vida no chão, a designares-me com a biqueira um pedaço de casca que não vi, a empurrares-me com o cabo da vassoura

– Chega-te para lá

e a despejares o meu passado inteiro no lixo, sobretudo aquela tarde sem ti na esplanada da praia encantado com uma estrangeira que nem deu pelo meu sorriso, a estrangeira sumiu-se no balde e eu com ela, não tive coragem de dizer que falava inglês

ou sueco?

de entender-lhe um sorriso por não existir nenhuma florista ali perto e um sorriso, apesar de tudo, talvez se possa embrulhar em celofane e atar com uma fita encarnada, pedir-lhe

– Look miss

e ela a cheirar o meu sorriso como se cheiram corolas, a aceitar que lhe oferecesse uma laranja ou assim, como será

laranjada em inglês, como será laranja em sueco, conversamos do calor porque é preciso conversar de qualquer coisa, está muito quente miss, o seu cabelo loiro tão loiro como o sol miss, quer que a ajude com o creme protector miss e a pele tão suave das inglesas

das suecas?

os olhos azuis dela da cor da pedra do anel do meu tio embora mais transparentes e maiores, não ternos, espantados miss, os olhos azuis dela que a minha mulher fecha no saco de plástico dos sobejos juntamente com os fragmentos de loiça da minha vida

– Que desajeitado meu Deus

pequenas mentiras, domingos felizes, a esposa do farmacêutico que, ao andar, levava o meu embasbacamento atrás de si pelas ruas

batia nos candeiros com a régua acompanhando os seus passos

alguém que me diz adeus da varanda ou do parapeito com sardinheiras, e agora que o saco de plástico está no patamar à espera de amanhã de manhã, quando ao sair para o emprego o deixo no contentor dois prédios adiante, pego no único pires completo, lavo-o, seco-o, arrumo-o no armário

tanto espaço vazio no armário

e as linhas da minha mão são exactamente iguais às de uma folha de plátano, aquela que guardei nas páginas de um livro porque a linha do amor e a linha da sorte ocupavam a palma inteira e por conseguinte

era evidente

eu ia ser feliz. Feliz em inglês, feliz em sueco numa esplanada de praia

como se pronuncia laranja miss?

onde são outros que levam uma pilha de pratos na direcção da cozinha, onde é a vida deles que cai no chão e se quebra. A minha dobro-a na mala como se dobra um pijama atenção aos vincos

e visto-a de novo, antes de dormir, na esperança de encontrá-la, ao acordar, lá longe, no tapete, com um traço do seu baton
miss
ao comprido da gola.

Sugestões para o lar

Os domingos cinzentos desboram para dentro de nós: a luz do candeeiro doente, uma chuva doente, sons em bicos de pés numa cerimónia de velório. A alma molhada e cabisbaixa como um cão. Vontade de revistas velhas, livros antigos, jornais da semana que passou. Os cheiros mais presentes: o do tapete, o da roupa nas gavetas, o do almoço dos vizinhos no patamar. As laranjas da fruteira tentam em vão inaugurar a manhã. Vontade de mantas nos joelhos, uma paciência de cartas, Chopin em discos de setenta e oito rotações, com os saltos da agulha a fazerem parte da música: a cada voltinha um soluço rachado aumentando a melancolia do piano. Lembrança de bules chineses, de velhos açucareiros de prata no armário com pontinhas de vidro. As fotografias tão direitas, tão hirtas, uma menina de laçarote, um tio antigo, de bibe, a segurar o guiador da bicicleta. Em cada prego da cortina uma testa espantada. Almofadas de cetim com claves de sol bordadas. Receitas de cozinha que se colaram em cadernos. Tisanas com vago sabor de nomes de primas remotas: macela, lúcia-lima. Não fazia grande diferença morrer porque nos tornámos sonetos de almanaque, folhas secas em álbuns. A água do solitário enferrujada. Não fazia grande diferença morrer. Não fazia?

A água do solitário que a flor oxida, uma mala de viagem esquecida sob a cama: rótulos de hotéis franceses, um jogo

de escovas presas com elásticos. Problemas de palavras cruzadas resolvidos a lápis, o sete horizontal

Afluente do Amazonas

em branco. Saudades de pão-de-ló, de torradas, de biscoitos desfeitos em migalhas nos dedos. Fósforos queimados no cinzeiro. Pratas de chocolate no compêndio de História, lilases, pratinhas, azuis. A tábua de passar aberta na marquise, com um cesto de roupa em cima. Molas de plástico na corda de secar. As cadeiras austríacas em torno da mesa, à espera. Herdadas da menina de laçarote, do tio da bicicleta? Selos em envelopes de plástico, restos de um passado filatélico. Congo, Uruguai, Sudão, bichos estranhos, rainhas de perfil. Frascos que não se percebe o que tiveram e é melhor não tocar. As compotas alinhadas na despensa. Afluente do Amazonas, cinco letras. Ninguém sabe. De quando em quando uma interrupção na chuva, pessoas que sacodem as sombrinhas. O rapaz das pizzas apeia-se da motoreta, avança com uma caixa de cartão, vemos-lhe o capacete, o braço estendido para a campainha do prédio. O filho da porteira aproxima-se numa admiração invejosa. Costuma saltar ao pé-coxinho no umbraal.

A porteira ralha-lhe por fazer chichi nas plantas do átrio. De vez em quando muda de pé e continua a saltar. As plantas tresandam a amontado. Um dos olhos do apreciador de motoretas desvia-se para dentro, apesar da pala na lente esquerda dos óculos. Quando a mãe se zanga mastiga o polegar, o olho errado torna-se pensativo e adulto. Deve ter nascido antes e ficado à espera que o resto da cara aparecesse. Andou à procura, entre a sobancelha e o nariz, até achar um lugar. O filho da porteira chama-se Artur, um nome mais idoso que ele, contemporâneo do olho. Artur, não sei porquê, lembra-me as cavacas das Caldas da Rainha. No edifício em frente a Clínica Dentária, a cadeira na penumbra, isolada e majestosa como uma cadeira eléctrica. O ramanho do jipe do dentista aumenta todos os anos: deve bendizer as cáries. Tem um cão que partilha o gosto clandestino do Artur pelos vasos de flores, alçando a perna numa delicadeza de mindinho enquanto o dentista escarafuncha, mascarado para não ser reconhecido pelas vítimas:

74

— Foi você que me brocou o molar e a mãozinha no peito, inocentíssima

— Eu?

Acho que vou para o umbraal saltar ao pé coxinho. Afluente do Amazonas, cinco letras. Tento não ler as soluções, ao contrário, no ângulo da página, tapo-as com a manga, penso, destapo-as: é difícil decifrar o ramanho dos caracteres. Passos de criança no andar de cima, um homem que grita

— Cala-te

um banco desmedido a tombar no silêncio. O horóscopo recomenda-me: atenção ao fígado. Tomo atenção ao fígado, tento escurá-lo. Deveria dar-lhe o braço, interessar-me pela sua vida? Amuado e teimoso, o fígado cala-se. Se calhar foi-se embora, se calhar está com o filho da porteira a invejar a motoreta. Ou à roda das plantas, à espera. Não vale a pena inquietar-me: costuma vir ter comigo à hora de comer. Tornei-me um soneto de almanaque, uma folha seca num álbum, a água do solitário enfermeiro. Não fazia grande diferença morrer. Não fazia. Não fazia?

75

A coisa não é bem essa

Tive de lavar a loiça do almoço porque a máquina avariou e o representante

– Só na segunda-feira, minha senhora, tenho metade do pessoal de férias

lhe desligou o telefone na cara, depois de tomar nota da morada, a resmungar não se percebia o quê acerca de as pessoas escolherem sempre os sábados para lhe exigirem consertos. Lavou a loiça, alinhou-a no escoador, limpou com uma esponja a bacia de alumínio até que nenhum vestígio de espuma, poisou a esponja no lugar habitual atrás da torneira, tirou o avental dos Snoopies

não Snoopies, o cão de que nunca se lembrava o nome deitado no telhado da casota

suspendeu-o no prego dos panos, carregou no pedal do caixote forrado com um saco de plástico do supermercado, deu um nó no saco, deixou-o no banco junto à porta da cozinha, olhou em volta a verificar se estava tudo bem e estava, talvez um bocadinho mais para a esquerda o cinzeiro de bronze a imitar um sapato, sempre com fósforos queimados lá dentro, pegou nos fósforos cinco fósforos

e enfiou-os no saco por um espacinho livre onde se notavam cascas. Tornou a olhar e agora sim, podia apagar a luz do

tecto no interruptor em que invariavelmente uma fásca mal-dosa que desesperava o electricista

— Não entendo o que se passa com os fios.

Pensou em sentar-se um bocadinho na sala mas não lhe apetecia a sala, vira à esquerda no corredor para o quarto do filho aqueles autocolantes no vidro, aqueles cartazes de surf, um retrato do pai, caído de costas desde há séculos, que nenhum deles endireitava. Um ténis esquecido parecia desafizá-la ao lado do computador

— Tira-me daqui, atreve-te.

Não respondeu ao ténis, espreitou a rua da varanda do escritório sem atentar na rua dentro na casa de banho onde a escova do filho não no copo é claro

no lavatório junto ao ralo e a pasta de dentes sem tampa, sem falar na gilete com que cortava o único pêlo que lhe nascera no queixo. Ao dar por si estava na borda da cama, diante do espelho, a examinar as mãos. Ainda se notava o lugar da aliança que deixara de usar muito depois do divórcio, dois meses se tanto, a marca mais clara nítida no dedo. Procurou o anel que pertencera à avó no cofre das jóias, sorriu sozinha para a palavra jóias, um anel com uma pedra roxa de senhora de idade

— Tenho quarenta e um anos

engastado em prata lavrada que o tempo escurecera.

Experimentou o anel e a voz da avó logo

— Andas mais magra, Susana

retirou o anel e a avó, graças a Deus, calou-se, decidiu

— Não era capaz de usar isto

ligou o candeeiro do tocador, com aquele abajur franzido de que ao princípio gostava e agora nem por isso. Aproximou a cara da outra cara no vidro, molhou o mindinho na língua e penteou as sobrelhas, se pudesse penteava o nariz, as bochechas, cumprimentou-se

— Olá, Susana

e o reflexo a cumprimentá-la ao mesmo tempo e com o mesmo sorriso. Observou a pele do pescoço, os ombros, o peito, endireitou-se a aumentar o peito e deu-lhe ideia que o peito não aumentava nada. Tornou a sorrir

— Não aumentaste nada

embora o sorriso lhe parecesse zangado

não propriamente zangado mas como explicar de outra forma?

buscou um adjectivo para definir o sorriso sem encontrar nenhum

desiludido, conformado?

nem desiludido nem conformado, e como nem desiludido nem conformado desistiu, levantou-se da borda da cama, rodeou-a até alcançar a cabeceira do lado do marido, puxou a primeira gaveta e uma agenda de há oito anos que anunciava, no dia nove de abril

Dentista às cinco horas, reunião às sete, jantar com a

Susana em casa dos pais.

Na segunda gaveta os seguros caducados do automóvel, a factura de um restaurante em Bicesse

— Porque guardou ele isto?

e a pistola de alarme sem gatilho que não servia para nada. Nas costas da factura do restaurante em Bicesse um número de telefone a lápis. Marcou o número de telefone que tocou no vazio uma vez, duas vezes, três vezes, quatro vezes, à oitava vez alguém na orelha dela

— Sim?

deixou de respirar para escutar melhor

— Sim?

e alguém disse

— Sim?

e depois disse

— Merda

e depois desligou enquanto ela permanecia a fitar o telefone, um barulhinho no descanso e o alguém na sua orelha, intrigado

- Sim?
- e antes que
- Merda

de novo, pegou na pistola de alarme, encostou o cano de plástico à têmpora, apertou o gatilho que não existia, suspirou - Pum e ficou morta um bocado da tarde até o filho chegar

Boa-noite a todos

Quando o comboio partir não digas adeus porque ficaste no cais. Foi apenas o teu passado que se foi embora, na terceira ou na quarta carruagem de segunda classe, precisamente a que acaba de desaparecer no túnel. Foi apenas o teu passado que se foi embora: o teu presente ficou. O teu presente, isto é: ir ao bar da estação, sem ter tirado o lenço da algebeira, sem saudade, sem remorso, sem pena, e olhar pelo vidro da porta o cais vazio, com o relógio a marcar uma hora que já não é a tua. Não penses na bagagem que ninguém recolherá na gare de uma cidade onde não irás nunca: o que arrumaste lá dentro deixou de pertencer-te. Pertence-te esta tarde de Lisboa, pode ser que algum pombo, alguma estátua, o rio. Mete a mão no bolso e deita fora a chave da tua casa, o bilhete de identidade, a agenda dos telefones, o retrato dos teus filhos, a factura da electricidade em atraso que devias pagar: o teu passado foi-se embora, a tua mulher foi-se embora, o teu emprego foi-se embora, deixaste de existir na véspera, *deixaste de pensar em amanhã*. No bar da estação assistes ao próximo comboio, é às nove. Esperam-te para jantar? Colocaram o teu prato, o teu copo, os teus talheres na mesa? O teu remédio para os olhos, aquelas gotas que picam? Não te inquietes com o jantar nem com o remédio: não é a ti que esperam. Não te chamas nada, foste-te embora, as gaivotas e as pessoas

não te dão atenção, nenhum mendigo, nenhum cachorro te fareja. Se te cumprimentarem não respondas, se te perguntarem seja o que for diz

- Não sei
- ou inventa uma língua para dizer
- Não sei
- por exemplo
- Vlkab
- ou
- Tjmp

e mostra-lhes o rio com o indicador. Depois começa a caminhar na direcção da água, onde já não te seja possível escutar os comboios, nem os automóveis, nem as pessoas para trás de ti, demasiado longe agora, nem os moircegos a perseguirem-te nas lâmpadas dos candeeiros. É a hora em que passava o último autocarro na rua onde moraste, na rua onde o que tinha o teu nome morou. Número quarenta, primeiro andar direito, uma arca de cânfora à entrada com um espelho que pertenceu à tua mãe por cima. Falta um pedaço na moldura de talha, mas é nele que os rostos antigos se observam de tempos a tempos, surpreendidos por haverem morrido. Debruta-te da muralha para o rio e não verás ninguém: o comboio levou-te. Se calhar um telefone, se calhar um colega a interessar-se por ti, se calhar o teu filho mais velho lá em baixo, na esquina, porque pode ser que um táxi, pode ser que tu, um serão no escritório, um amigo da tropa, a consulta no médico que acabou mais tarde, a tua mulher entre o patamar e a janela, qualquer coisa como uma lágrima, um soluço de choro: não oiças. Ouve a água do Tejo sem ver a água do Tejo na sua moldura de talha a que falta um pedaço, o que te dá ideia de um cesto ou uma bota à deriva, um reflexo qualquer mas de quem? Diz

- Vlkab
- diz
- Tjmp

é a única língua que verdadeiramente conheces. Lembra-te do teu pai no quintal? Aquele defeito no polegar, a cicatriz

no pulso? De fumares às escondidas atrás da capoeira? De roubar ovos para os venderes na loja? O gato de faiança? O gato verdadeiro, só pupilas e cauda? O teu passado foi-se embora, não te recordas de nada. nada disso existiu e é noite. Diz

- Boa-noite a todos
- diz
- Fcdnqr

o Tejo entende. E depois, a pouco e pouco, desce para ele. Repara: a arca de cânfora, o espelho por cima. Na arca os lençóis do enxoval, no espelho os rostos antigos que te aguardam. És um deles, foste sempre um deles. Quando a tua mulher ou os teus filhos passarem na entrada encontrar-te-ão ali, entre um cesto e uma bota à deriva, e saberão que voltaste. E por saberem que voltaste a tua boca, sob a água, principia a sorrir.

Bom dia, Eugénio

Cocteau dizia que há homens de coração de diamante que apenas reagem ao fogo e a outros diamantes e negligenciam o resto. E junto destas duas vocações de sarça ardente que me sinto em família, o que equivoque a explicação que quase sempre estou só. Mas não posso queixar-me: os acasos da vida ou o facto de navegar, por instinto, na direcção certa. Fizera que encontrasse, de longe em longe, Açores e Madeiras no vazio das ondas Wolfram Schütte, Marisa Branco Eugénio de Andrade, vulcões de camaradagem exigente e limpa, ilhas tectónicas de rigorosa ternura, abrigos de pedra suave onde encostar a imutabilidade do futuro, pessoas que nos reconciliam com a noite mais escura da alma de que Scott escrevia, por de lá nos trazerem vestígios da manhã. E é de Eugénio de Andrade que falo hoje. Perpetua varanda de basalto em chamas de frente para o mar.

Chamam-lhe o amigo mais próximo do sol: de acordo, se o sol for obstinado e severo. Chamam-lhe poeta: de acordo, se as palavras nos trazem notícia da veracidade do sangue. Chamam-lhe difícil: de acordo, se nos ensinam a bondade de menino na pomba do sorriso que de tempos em tempos acende os passos seus e os nossos e nos mostra a única vereda que caminha a direito, macieiras fora da direcção do rio. Não conheço ninguém com gestos tão longos e com uma tão aguda inteligência da alma.

Onde poisa a atenção do ouvido tudo se torna búzio. Onde des-cansa os dedos tudo se torna gato comedido e atento. Onde os olhos lhe nascem aprendemos com ele o intransigente júbilo do mundo e no entanto que geografia de dor no país do seu rosto, que discrição no sofrimento, que impiedosa dignidade medida em cada sílaba. A total ausência de vaidade do seu orgulho foi o que, ao encontrá-lo pela primeira vez, mais profundamente me comoveu. José Cardoso Pires, que não tinha a admiração fácil, contou-me do poema que Eugénio de Andrade compôs na morte de José Dias Coelho, quando os heróis ~~consequentes~~ se calavam de medo nos anos de alcatrazão sujo da ditadura. Não um pan-fleto, não um manifesto, não um grito: apenas a serena voz de um homem falando de outro homem, firando-nos da sua altur-terrena e, por consequência, desmedida. Um dos seus livros intitula-se «Rente ao Dizer» e esse rente ao dizer, despidido do que não é corpo, devolve-nos a nós mesmos na condição de bichos sublimes em que nas páginas que acede a publicar nos tornamos. Ainda que em guerra Eugénio reconcilia-nos connosco ao deixar entrever os degraus que nos falta subir para estarmos lá em baixo, no lugar que é o nosso, manchados da comovida urina e dos líquidos obscuros que nos protegem ao nascer e nos esperam, na sombra da morte, a fim de nos ajudarem a partir, pobres criaturas mudas vestidas de ranho e de poeira celeste. Para além da amizade que nele é dura e nobre, isto lhe devo também: o retrato da minha condição e a certeza de que algo para além de mim continuará nos seus versos, seja pássaro, nuvem ou laranja madura. Escrevi um dia que quando o coração se fecha faz mais barulho que uma porta. Não imagina como lhe agradeço, Eugénio, que o seu se mantenha calado num vigilante desvelo, convidando-me a entrar onde uma máscara de bronze nos aguarda para ficar connosco, naquela sala aberta rumo às palmeiras da voz.

Herrn Antunes

Hoje é quarta-feira, 25 de Abril de 2001, e estou no último andar de um hotel em Munique. Não tenho um quarto: tenho um quarto, uma casa de banho, um corredor e uma cozinha-sala de jantar, e sempre que estrou num hotel com quarto, casa de banho, corredor e cozinha-sala de jantar lembro-me do pior ano da minha vida, 1976. em que morei num sítio assim, em Lisboa, com a mala na cozinha-sala de jantar e sujeitos da embaixada soviética por vizinhos, de olhos pálidos como os dos lobos, que pareciam cheios de medo e de mistérios. Não falavam com ninguém: ocupavam cada um o seu buraco e um coxo que dava ideia de mandar neles passeava pelos andares num ar de guarda prisional, a verificar se as portas estavam trancadas. As vezes encontrava-o sentado numa cadeira, à saída do corredor: nunca entendi muito bem porque não me deu um tiro. Sentia os olhos do homem nas minhas costas enquanto metia a chave à fechadura.

Este hotel é diferente: durante o pequeno-almoço os hóspedes comem ovos cozidos e dá-me ideia que foram pintados por Lucas Cranach, o Velho. As mesmas mãos, os mesmos narizes, as mesmas bocas finas, expressões que atravessam séculos para lutarem com os buraquinhos entupidos dos saleiros. O ar enche-se das fendas das telas dos quadros antigos e só falta a rapariga que serve à mesa emoldurá-los em talha. Em 1976 eu chegava à

Janela e via a rua Luís Bivar, árvores, automóveis estacionados, caixotes do lixo, candeeiros. Uma barata espreitava-me do rodapé, a vibrar as antenas. Os sujeitos da embaixada soviética deviam dormir atormentados por pesadelos de mais-valia. Uma ocasião sai para o patamar de madrugada. O coxo saltou na cadeira e julguei que fosse principiar a latir. Caminhava a dar impulso com a perna esquerda, pilotando uma trotineta invisível, e olhando as pessoas na suspeita de que lhe desejavam roubar o brinquedo.

1976. *Uma primavera dura, um verão duro.* Não escrevia, não lia. Devia cheirar-se a minha solidão à légua. O rececionista, em quem habitava um São Francisco de Assis de uniforme, emprestava-me o viático do jornal desportivo, extraído dos fundos do balcão num sorriso de conspirador. Lá no raciocínio daquele frade laico o pontapé na bola devia ajudar a dissolver a angústia. Passava um fôsforo de um canto da boca para o outro num movimento rápido da língua. Senhor Fernandes, com duas alianças no dedo e a camisa pouco limpa. A virtude não é incompatível com o desdém pelas lavandarias: a eminência do Cardeal Richelieu era parda. Projecto de anúncio de detergente: o Cardeal a apontar a eminência, branquíssima:

– Eu pensava que a minha eminência fosse parda antes de a lavar com (acrescentar o nome do produto).

1976. *um outono duro.* Vinham-me constantemente epitétos da guerra talvez porque vivia nessa época uma guerra pior. O prisioneiro que se amarrava ao guarda-lamas do rebenta-minas e gritava de terror. O Ernesto Melo Antunes a chegar, despedido, das acções de pirataria com os sul-africanos:

– Destruímos tudo.

Em 1976 eu tinha destruído tudo na minha vida, com morteiros, bazucas, granadas ofensivas e defensivas, G3, napalm, exfoliantes. Julgo que nem um amigo me sobrava: uma acção de pirataria completa. Em qualquer parte no escuro a luzinha do amor de uma mulher e eu a fugir da luzinha. Porquê? Enquanto o Ernesto se desesperava, os sul-africanos embebedavam-se. Ouvia-os cantar até de madrugada, em afrikander.

Hoje, 25 de Abril de 2001, as feridas não saíram por completo mas estou em Munique, e o mesmo é dizer que não existo. Dou com a minha fotografia no jornal que o hóspede da mesa ao lado folheia: não se assemelha a mim, conforme eu não me assemelho a mim. Nerval escrevia nas costas dos retratos dele: Sou o outro. E portanto não há perigo que me reconheçam.

Amanhã vou a Viena receber um prémio: as pompas todas, a cerimónia toda, o almoço com o chanceler. O outro vai a Viena. Eu fico: as personagens de Lucas Cranach não passeiam ao longo do Danúbio. Ficam para ali, nos museus, a perscrutarem a gente. Este ovo cozido há-de durar-me anos: nem penses em comê-lo. Devia ter trazido uma gravata para agradecer à minha mãe:

– Vão julgar que não soube educar-te.

Soube, mãe. O problema é que, de gravata, me assemelho a um noivo de província num mostruário de feira. E descansa que eu garanto a toda a gente que bem se esforçou:

– Por vontade da minha mãe trazia uma gravata.

Prometo que informo disso o chanceler, sossegue:

– Por vontade da minha mãe trazia uma gravata sabia?

E era educado, simpático, atento, em lugar de sorrir desatado. E de explicar:

– O Nerval era o outro, mãe.

– O Nerval não é meu filho.

O que se pode responder a isto? De facto o Nerval não era filho dela. E tendo chegado ao último argumento a única coisa a fazer é calar-me. O hóspede da mesa ao lado passou a página com o meu retrato. Pego na colher e assento a primeira pancada na casa do ovo: nada. A segunda: nada. Um ovo inquebrável. A minha eterna luta com os objectos inanimados. A terceira, com força: o ovo pula para o chão e as personagens de Lucas Cranach interessam-se pelo episódio. Uma senhora previdente recua uns centímetros, à cautela. Olho para o ovo, o ovo olha para mim, a reclamar

– Apanha-me.

Apanho o ovo mas o guardanapo escorrega-me dos joelhos. Apanho-o também, e fico com o ovo numa das mãos e o

guardanapo na outra, como um matador de toiros prestes a exibir ao público os seus troféus. Oíço a voz da minha mãe a pre-venir a assistência

– Palavra de honra que fiz o que podia.

E fez, mãe. O que podia. Em acabando esta viagem vou jantar a sua casa e tenho modos à mesa. Apareço-lhe de gravata e tudo. Vá ver que nunca teve um filho tão composto. Um filho-andar modelo para mostrar às visitas:

– Os irmãos são todos assim.

O problema é ser tarde demais para isso. E o filho-andar modelo reduz-se a um rapaz de cinquenta anos a procurar no bolso os berlindes que já não estão lá. Ou talvez estejam. No caso de estarem faço três covas com o calcanhar, e repare só no bigode que hei-de dar a estes alemães. Uma ocasião deu-me um saco de pano para os berlindes, recorda-se? Fechava-se com um cordel e tudo. Se tivesse o saco de pano aqui tirava, juntamente com os berlindes, o meu riso lá de dentro. Se fico muito calado e muito quieto continuo a ouvi-lo. Vocês podem ouvi-lo também: basta colocar a orelha contra esta página. Não mudou nada desde a escola primária. Pois não?

Em caso de acidente

Hoje estava capaz de me ir embora: pegar nas chaves do carro sem motivo nenhum

(as chaves estão sempre no prato da entrada)
descer as escadas

(não descer pelo elevador, descer as escadas)

até à garagem da cave, ver o fecho eléctrico abrir-se com dois estalos e dois sinais de luzes, ver a porta automática subir devagarinho e, logo na rua, acelerar o mais depressa possível, queimando semáforos, na direcção da auto-estrada, sem ligar aos painéis que indicam as cidades e a distância em quilómetros, sem uma ideia na cabeça, sem destino, sem mais nada para além desta pressa de me ir embora, colocar entre mim e mim o maior espaço possível, esquecer-me do meu nome, dos nomes dos meus amigos, da minha família, do livro que não acabo de escrever e me angustia. Parar num desses restaurantes à beira das portagens e comer sozinho, sem olhar para ninguém, sem ver ninguém nem sequer aquelas crianças que correm aos gritos entre as mesas e acelerar de novo, vazio, segurando o volante tal como, em pequeno, segurava o guiador da bicicleta enquanto o meu pai, correndo ao meu lado, me ensinava a pedalar.

Hoje estava capaz de me ir embora: as paredes da casa apertam-se, tudo me parece tão pequeno, tão inútil, tão extra-

inho.] Fazer romances. Publicá-los. Esperar meses pelo novo romance. Fazê-lo. Publicá-lo. Receber telefonemas do agente acerca de contratos, de traduções, de prémios. Receber as críticas da editora, longos cortejos de elogios sem nexos de quem não entendeu e louva sem haver compreendido. Ou então sou eu que não compreendo. De qualquer forma não leio o meu trabalho: limito-me a produzi-lo e, uma vez terminado, a minha cabeça gira na direcção do que vem a seguir. Abandonar todas essas páginas também. Hoje estou mesmo cansado de me ir embora antes que fique louco como os cães, correndo em círculos na noite. Se chegar à janela verifico que o frito humedeceu de orvalho as tampas dos caixotes do lixo e há apenas uma janela acesa num prédio lá em baixo. Dir-se-ia que mais ninguém senão eu continua vivo. Eu e o telefone que apesar de calado parece presertes a romper aos gritos. As minhas costelas respiram contra o vidro. No parque de estacionamento vazio em frente à casa um pombão morto. Ou uma gavota. Um pássaro qualquer. As tampas dos caixotes do lixo reflectem os candeeiros em manchas coalhadas e fixas. Faço uma careta para mim mesmo nos caixilhos.

Hoje estava capaz de me ir embora. Metia todo o dinheiro da gaveta no bolso, deixava aqui a carteira, os documentos, os sinais de quem sou. Se me perguntarem o que faço responder que não tenho profissão. Sou apenas um homem num restaurante à beira de uma portagem, a mastigar calado. Pode ser que volte um dia, pode ser que não volte. O que dirá o editor francês, o editor alemão, o editor sueco? Cartas desesperadas do agente que nunca receberei, telegramas intactos na caixa do correio reclamando uma obra pela qual me pagaram e que deixei incompleta, por alturas do penúltimo capítulo, por corrigir, por alterar. O que me rala? Lombadas e lombadas inúteis nas estantes, edições dos escritores que gostava de ler e me são indiferentes agora: Felisberto Hernandez, William Gaddis, Eliseo Diego. Felisberto Hernandez e Eliseo Diego já morreram. Felisberto Hernandez toca piano na fotografia que dele tenho, Eliseo Diego fita-me de cachimbo na mão. Talvez, para além do dinheiro da

gaveta, levasse comigo Felisberto Hernandez, um autor e péras. Ou Juan Benet. Podia lê-los enquanto mastigava. Eliseo Diego, que era poeta, não dá para restaurantes, exige uma intimidade de quando se está sem ninguém na sala. Compôs um poema muito curto sobre a avó dele, em que a avó pede que tapem os espelhos. Ir-me embora é como tapar os espelhos todos sobre mim. Hoje estava capaz de me ir embora. Sem espalhafato, sem conversas, sem explicações, sem essa espiadela de passagem que damos sempre a nós mesmos verificando se o cabelo está certo. Quando eu era um médico muito novo, tratei uma senhora de idade que estava a morrer. A meio da tarde perguntou-me:

– Não me acha um bocadinho cansada?

e na manhã seguinte vieram os homens da agência e colocaram-na no caixão. A filha contou-me que depois da pergunta

– Não me acha um bocadinho cansada?

a senhora de idade pediu um cálice de vinho do Porto às escondidas de mim. Metade derramou-se no pescoço mas a metade que engoliu animou-a. Era viúva há que tempos e não esperava grande coisa de ninguém. Se um dia voltar a Tomar levo-lhe uma garrafa de vinho do Porto à sepultura e deixo-lha sobre o mármore, no meio das jarrinhas de flores. Aproximo-me das janelas e lá estão as tampas dos caixotes do lixo húmidas de orvalho. As árvores do parque serenaram por fim. Ligo a televisão. Não entendo o que se passa no écran mas continuo a ver. Uma criança sorri-me do aparelho. Infelizmente o sorriso dura pouco tempo. Se calhar nem sequer um sorriso. Se calhar sou apenas eu que necessito de um sorriso. Há momentos na vida em que necessitamos tanto de um sorriso. À falta de melhor toco-me com o dedo no caixilho.

Emília e uma noites

Esta crónica era para ser outra coisa mas sucede que de repente, ao principiar a escrever, Angola me veio com toda a força ao corpo. Desculpem: ia dar-vos uma história que se chamava Emília e uma noites e Angola, sem eu saber porquê, veio-me com toda a força ao corpo. Não sei explicar bem: já não me acontecia há muitos anos, julgava-me livre, julgava-me numa certa paz e estou a mexer a mão sobre o papel com tanta pressa e tanta raiva eu que faço tudo devagar, principalmente desenhar palavras, eu que não vou corrigir nem uma sílaba, nem uma vírgula, nem reler isto sequer

(eu que releio tanto meu Deus!)

porque é insuportável sentir que Angola me veio com toda a força ao corpo. Não vou ter humor nem ser inteligente nem subtil nem terno nem irónico: Angola veio-me com toda a força ao corpo, custa muito, e o Macaco, o condutor, acaba de morrer de uma mina no Ninda: o Ernesto Melo Antunes estava lá e lembra-se. Perguntem-lhe a ele que se lembra. Pus a mão no peito do Macaco e não havia peito, e no entanto nem uma gotinha de sangue. No Ninda sob os eucaliptos um soldado que foi buscar água ao rio deitado na areia à minha frente. Apenas isto. Este foi o primeiro apenas. Podia relatar-vos muitos outros. Podia relatar-vos coisas horríveis, absurdas, cruéis ao ponto de ter vontade de

não escrevo a palavra escrevo só que Angola me veio com toda a força ao corpo e eu acuso a *outra* de ter mudado a minha vida. É difícil entender mas eu não estava preparado, era novo de mais, se calhar é-se sempre novo de mais. Percebam: eu não merecia aquilo. Falo por mim: não sabia como aquilo era e ao saber como aquilo era compreendi que não merecia aquilo. Como não mereço isto hoje dia 1 de setembro, dia dos meus

anos em que Angola me veio com toda a força ao corpo. Aos que se interessam pelo que escrevo peço desculpa: ia dar-vos uma crónica chamada Emília e uma noites: pensei nela, tinha-a mais ou menos na cabeça

(tanto quanto se pode ter um texto na cabeça visto que depois o texto toma conta da cabeça e faz-se conforme ele, texto, entende)

achava que vocês iam gostar e todavia não consigo há tanta coisa em mim, tanta metralhadora, tanto morteiro, tanta horrível miséria. Para a próxima garanto que faço os possíveis por vos dar uma crónica como vocês gostam. Hoje não posso: é o dia dos meus anos e Angola veio-me com toda a força ao corpo. Depois de uma paz comprida, depois de imenso tempo de sossego. Claro que passa, claro que amanhã ou depois já estou melhor, os eucaliptos do Ninda desaparecem, tenho de novo a minha idade de agora deixo de estar no armazém da companhia (o armazém era um barraco)

a olhar os caixões e a pensar qual deles iria ser o meu. Lê-se que a guerra estava controlada em Angola: a guerra estar controlada era eu contar os mortos. Se calhar não foram muitos: para mim foram de mais. Se calhar a guerra estar controlada tem que ver com um número reduzido de cadáveres: a merda é que eu os vi. Os conhecia. Costumava falar com eles, essas perdas insignificantes. Eu próprio sou uma perda insignificante a falar de perdas insignificantes. Um colega médico explicava assim a desordem e a ineficácia dos bancos de urgência dos hospitais

— O doente entrou bem, depois sobreveio-lhe o banco e morreu.

Eu também entrei bem: depois sobreveio-me a guerra e. Há tempos, almoçando com o capitão disse-lhe

— Nunca vi ninguém tão corajoso debaixo de fogo como você a passear de lanterna acesa no meio dos abrigos e ele olhou para mim uma data de tempo

— Sabe? É que às vezes apetecia-me morrer. Entendem um bocadinho melhor agora? Foi há 24 anos,

caramba. Em 1971. É aborrecido fazer anos e receber Angola de presente. Eu sei que vocês não têm nada com o assunto e como nunca viram rapazes mortos sob os eucaliptos do Ninda muito menos têm de pagar as favas disso. Perdoem: a próxima crónica será como se habituaram a que seja, como apreciam que seja. Hoje não sou capaz. Tinha pensado numa coisa bem gira chamada Emília e uma noites e agradeço-vos a pachorra de aturarem por tabela Angola com toda a força no meu corpo. Para mais isto deve estar uma porcaria porque nunca na vida escrevi nada tão depressa. Mas agora pergunto: será que se consegue soltar um grito devagar?

Há surpresas assim

Às vezes há surpresas assim. Anda um homem às voltas com um livro, carregado de angústia e de dúvidas

(escrever é uma actividade que raramente associa ao prazer) as mesmas de quando o comecei, em outubro de 98, as mesmas que me acompanharão quando daqui a alguns meses o entregar ao agente e o agente aos editores, a suspeita de não ter sido capaz, de ter falhado, de dispersar em cinzas o material incandescente que tinha na mão

(e desta feita, meu Deus, tinha tanto material incandescente na mão)

anda um homem a sofrer um romance 15 horas por dia todos os dias, aflito, raivoso, com ganas de desistir, de o jogar no lixo, de fazer outra coisa e, no entanto, terminando como um boi a lavrar as palavras, anda um homem a despir de ganga inútil tantas centenas de páginas, a adormecer com elas, a acordar com elas, a empenhar tempo e saúde, furioso, desanimado, esperançado, exausto, e nisto, de surpresa, o milagre de uma carta, uma pausa de amizade, de afecto e de paz no destino de sarça-ardente que sou. Vem do Porto, com um retrato da minha filha Zezinha, tão pequena, em Angola, e fala, numa linguagem que me vai direita ao coração do que não lembrava já partos, autópsias, a epidemia da cólera, a camaradagem diante do sofrimento

mento, da doença, da miséria da guerra e da morte. Fala, numa linguagem que me vai direita ao coração

(porque não escrevo assim, com esta simplicidade enxuta, esta despretensiosa ternura, esta força?)

da partilha da coragem, ou seja de não ter medo de ter medo, de centro e tal rapazes perdidos na mata a tentarem sobreviver numa paradoxal alegria. Era furriel, chamava-se Firmino Alves e passámos juntos um ano, na Baixa do Cassanje, na fronteira com o Congo. Marimba, Marimbanguengo, Mangando, e ao lembrar estes nomes uma enfiada de mangueiras estremece-me no sangue. Chama-se Firmino Alves e sobreviveu por milagre a um horror que nos levou vários camaradas ao cabo de vinte e quatro meses de África. E contudo que lição de esperança me deu sempre e me tornou a dar agora com as suas palavras. Um livro, de facto, nada é ao lado daquilo que de súbito iluminou dentro de mim: o rio Cambo cheio de crocodilos

(lembra-se, nosso furriel?)

e a gente, crocodilos também, lentos, opacos, cruéis, olhos a deriva nessa água parada. No entanto, que estranho, temos saudades. Talvez porque a crueldade não era maldosa nem a violência perversa. Ao cabo de meses e meses de guerra ganhava-se a simplicidade directa dos bichos. Nem reflexões, nem sonhos, nem problemas de consciência: apenas a gana de durar à superfície dos dias. Foi queria que a Pátria se tornasse mais o fascismo e a democracia e o carajo. Era um animal que um pôr-do-sol interessava mais do que uma ideia, com um outro instinto de sobrevivência imediata dentro de mim. Não lutava por nada a não ser para que os que sobejavam da companhia permanecessem vivos e animais como eu, para que os habitantes das sanzalas entre Marimba e a fronteira se mantivessem vivos e animais como eu. Porque quem não estava connosco e portanto não morria eram os filhos da puta de Luanda e Lisboa. Os políticos, os generais e grandes empresários: os cabrões de Portugal do Munho e Timor. No entanto esses cabrões não existiam: existíamos nós. E ainda bem que não existiam dado que talvez

deixassem de existir se nos aparecessem na mata. Lembra-se, nosso furriel, como era fácil disparar? Lembra-se quando foi preciso tirar as armas ao pessoal para que não nos matássemos uns aos outros? Lembra-se dos jogos de cartas com a pistola em cima da mesa com um ódio fundo? O colega do baralho transformado em inimigo e a gente capaz de o rebrantar se ganhava uma vasa? E todavia

(lembra-se, nosso furriel, fala nisso na sua carta)

lutei horas para tirar filhos vivos de mães meio mortas, desaparecia semanas na Baixa do Cassanje a salvar quem não conhecia da desgraça da cólera, fazia o que sabia e o que não sabia diante da doença de um infeliz qualquer. Quem me explica isto, quem nos explica isto? Como se pode ser, ao mesmo tempo, tão brutal e compassivo? Engraçado a gente pensar que esqueceu. Convencido que esquecera andava eu às voltas com o livro

(ando eu às voltas com o livro)

como outrora com uma criança que não saía de um ventre, a procurá-la lá dentro com a aflição dos dedos. E uma ou duas vezes o furriel Alves ajudou-me. Agora que o não tenho faço tudo sozinho. Agora que o não tenho é como quem diz. Chegou ontem numa carta, do Porto, e as mangueiras de Marimba desataram a estremeceer-me ao comprido do sangue. Ainda aqui estão, estiveram sempre aqui. Isso e nós dois na enfermaria improvisada, emocionados com um primeiro choro vitorioso e urgente. Que sinistros, tocantes, impiedosos, maravilhosos bichos nós éramos

Esta maneira de chorar dentro de uma palavra

Em 1971, em Angola, depois de uma acção de pirataria (pirataria era os helicópteros sul-africanos deixarem a tropa a quatro metros do chão, saltar-se lá para baixo e destruir tudo)

fiquei com uma menina kamessekele que sobrou, não sei como, daquela benfeitoria. Os kamessekeles são um povo amarelado que se exprime numa espécie de estalinhos da língua e sons vindos do fundo da garganta. A menina devia ter cinco ou seis anos, o cabelo ruivo da fome e empurrava adiante de si uma barriga imensa. Viveu comigo algum tempo, na enfermaria que era uma casa em ruína num sítio chamado Chiúme. A barriga diminuiu e o cabelo tornou-se escuro. Dentro do arame farrapado, para onde quer que eu fosse, vinha atrás de mim. Um dia, ao voltar da mata, não a encontrei. Não me deram explicação alguma. Para quê? As coisas passavam-se dessa forma e acabavam-se. Mas demorei tempo a esquecê-la e ainda me lembro dos seus olhos que não exprimiam nada. Se calhar os meus olhos também não exprimiam nada. O que poderiam exprimir? Visitávamos o barraco onde os caixões esperavam e perguntávamos

— Qual vai ser o meu?

Não deitados, caixões de pé contra a parede, todos iguais. Também me lembro do sopro do maçarico ao soldá-los, o que

se fazia o mais cedo possível dado que os mortos apodrecem depressa naqueles lugares de calor. Perguntávamos

— Qual vai ser o meu?

e no dia seguinte os helicópteros de novo. Uma ocasião trouxeram uma mulher grávida. Um oficial que andava conosco nessa altura empurrou a mulher para o armazém dos caixões e, à minha frente, obrigou-a a colocar um dos pés sobre uma urna e penetrou-a sem baixar as calças, abrindo a breguilha apenas. Noutra ocasião apanhou-se um guerrilheiro só com uma perna. Para ali estava, sentado no chão, de pedaço de corda amarrado ao pescoço. Isto foi em Gago Coutinho. Quando se saía, colocava-se o inimigo no guarda-lamas do rebenta-minas e ele gritava de pavor o tempo inteiro. Desapareceu também. Tudo era muito atreito a desaparecer nessa época, tirando aqueles que o chefe da Pide enforcava numa árvore e lá ficavam. Também me lembro dos pés dos enforcados mas não de uma forma tão clara. Isto foi numa aldeia chamada Chiquita. O chefe da Pide de Gago Coutinho, em contrapartida, era mais civilizado: preferia aplicar choques eléctricos nos testículos e num gesto de simpatia convidou-me a assistir. Esse acto designava-se por reeducação. Se um reeducado morria enterrava-se em cima de uma prancha. Tudo estava reduzido a pontos: uma arma apreendida tantos pontos, um canhão sem recuo tantos pontos, um inimigo tantos pontos. No caso de conseguirmos um certo número de pontos mudavam o batalhão para um lugar mais calmo, e foi quando nos mudaram para um lugar mais calmo, sem guerra, que os soldados principiam a suicidar-se. Uma noite entrei no lugar dos beliches. Um cabo na cama de cima encostou a G3 à base do queixo, disse

— Até logo

e disparou. Em Marimbanguengo. Bocados de miolos e de osso espalmaram-se no zinco do tecto e ele durou três horas, sem metade da cabeça, a deixar de respirar. Também me lembro do

— Até logo

e do disparo, mas houve tantos disparos em Angola que talvez o que lembro não fosse o dele. Tantos disparos como os ruídos das folhas dos eucaliptos de Cessa. Em Marimba um dos lavadeiros roubou uma camisa a um alferes. Os lavadeiros teriam quinze anos se tanto. Então estenderam-nos lado a lado e deixaram-lhes cair brasas de cigarro em cima. Isto sucedeu pouco antes de nos irmos embora para Portugal. Visto que ficaram cheios de marcas e de pústulas pediu-se conselho a um agente da Pide que solucionou o problema depois de reprender brandamente o alferes sugerindo-lhe que daí em diante fizesse as coisas como deve ser. A semana passada um homem procurou-me no hospital. Trabalhava com o rádio e foi ele quem me anunciou o nascimento da minha filha, que só vários meses depois encontrei. O rádio tinha sido um quase garoto então, e dei com um quase velho. Mostrou-me o retrato do último jantar da Companhia. Quase velhos todos, impossíveis de reconhecer na sua quase velhice. Ele apontava-os e dizia-me os nomes, o furriel Este, o sargento Aqueloutro, a estudar o retrato com ternura. Entre eles, acho eu, o maqueiro com quem dei na picada a segurar os intestinos nas mãos e a estender-mos numa espécie de oferenda. Observei o furriel Este e o sargento Aqueloutro. Aí estavam a sorrir, quase velhos, quase alegres, agarrando-se pelos ombros e no entanto deu-me a impressão que os olhos deles continuavam a não exprimir nada, conforme os olhos da menina kamessekele não exprimiam nada. Ou se calhar os olhos dos quase velhos exprimiam. Eram brancos, não pretos, e o facto de não exprimirem nada pode muito bem ter sido defeito do fotógrafo.

Crónica para ser lida com acompanhamento de kissanje

A coisa mais bonita que vi até hoje não foi um quadro, nem um monumento, nem uma cidade, nem uma mulher, nem a pastorinha de biscuit da minha avó Eva quando era pequeno, nem o mar, nem o terceiro minuto da aurora de que os poetas falam: a coisa mais bonita que vi até hoje eram vinte mil hectares de girassol na Baixa do Cassanje, em Angola. A gente saía antes da manhã e nisto, com a chegada da luz, os girassóis erguiam a cabeça, à uma, na direcção do nascente, a terra inteira cheia de grandes pestanas amarelas dos dois lados da picada e uma ocasião lembro-me

um bando de mandris numa encosta, quietos, observando-nos. Depois cansavam-se de nós e desapareciam na sombra dos caules. A coisa mais bonita que vi até hoje foi Angola, e apesar da miséria e do horror da guerra continuo a gostar dela com um amor que não se extingue. Gosto do cheiro e gosto das pessoas. Talvez os momentos que tive mais próximos daquilo a que se chama felicidade me aconteceram quando fazia um parto eu resolvia os problemas que as mulheres ou o meu colega feitriceiro euá kimbanda

não eram capazes de solucionar, quando acabava saía do casinhoto da enfermaria como se tivesse ainda nas mãos uma

vidinha trémula e achava-me feliz. As mangueiras, imensas, res-
tolhavam sobre a minha cabeça, o senhor António espreitava da
cantina. É engraçado: nas alturas difíceis a memória da Baixa
do Cassanje ajuda-me. Recordo o soba Macau

euá Muata

digo para mim mesmo

– Tumama tchituamo

e sereno. Se for à janela aposto que, mesmo em Lisboa,
vinte mil hectares de girassol a perder de vista, as pestanas loi-
ras, os mandris. A incrível beleza das raparigas, a sua pele tão
suave, a tia Teresa, gorda, enorme, que comandava uma cubata
de putas em Marimba, e sabia muito mais da nossa condição
do que qualquer outra pessoa que conheci.

– Euá Tia Teresa

euá os batuques à noite na sanzala de Dala, a liamba dos
óbitos:

euá liamba.

Conversava com a tia Teresa ao fim da tarde quando me
vinham saudades de tudo. As vezes impingia-me uma das suas
empregadas: nunca fui capaz de aceitar. Mandava vir uma bacia
com água, sabão, uma toalha, e lavávamos ambos, solenemente,
a cara. Um dia entrega-me uma lata de pó-de-talco, na ideia de
me proteger do mau olhado. Se calhar protegeu. E, de palmas cor
de calça, comíamos moamba juntos. Ela e o kimbanda Kindele,
ou seja o médico branco. Eu que tantas vezes, em África, tive ver-
gonha de o ser. O meu corpo tão desgracioso. Se encostasse o meu
ouvido a uma árvore não sabia, como a tia Teresa, quem vinha.
Mas o soba Kaputo convidou-me para padrinho do filho, a maior
distinção que recebi até hoje: por educação, ninguém troçou da
minha forma de dançar. Uma velha com a brasa do cigarro no
interior da boca apertou os meus dedos nos seus dedos:

euá Velha

aperta os meus dedos outra vez: estou a escrever isto com
uma alegria grande, a mesma com que aos domingos de manhã
fumava mutopa

cachimbo de cabaça

com os homens, os ouvia falar, jogava com eles uma espé-
cie de gamão de pedrinhas à medida que olhava a jangada a atra-
vessar o rio Cambo, abaixo dos morcegos do crepúsculo, com
os candeeiros da Chiquita ao longe. Os girassóis recolhiam a
cabeça para poderem dormir, os mochos voavam contra os faróis
do jipe, no caminho. A fazenda de tabaco do senhor Gaspar, com
as suas caveiras de hipopótamo. O senhor Gaspar sorria no inte-
rior do bigode

euá Senhor Gaspar

sentávamo-nos na varanda

– Tumama tchituamo

e o macaco dele, aos guinchos, fazendo tilintar a corrente:
dava-lhe o medo do escuro. Lá vinha a bacia de água, o sabão,
a toalha. No meio da miséria e do horror havia momentos de
um contentamento tão grande. Uma paz de eternidade que não
voltei a encontrar. O que mais quero no mundo são os girassóis
da Baixa do Cassanje e eu a caminhar

a voar

por entre eles.

– Euá Velha

aperta os meus dedos outra vez.